

# Artigo - A Gênese: os sinais dos tempos há 140 anos

**Ney Prieto Peres**

(Folha Espírita, dezembro de 2008)

*fundador e diretor do Instituto Brasileiro de Pesquisas Psicobiofísicas, diretor de Pesquisa da Associação Médico-Espírita do Estado de São Paulo e fundador e co-diretor de Investigação do Instituto Nacional de Pesquisa e Terapia Vivencial Peres*

A Gênese completou 140 anos. Publicada 11 anos depois de O Livro dos Espíritos, constituiu-se em mais um passo adiante no estudo das conseqüências e aplicações do Espiritismo.

Na afirmação da existência de dois elementos a regerem o universo: o elemento espiritual e o elemento material, demonstrada a existência da natureza espiritual por um acervo de incontáveis evidências, nos dias transcorridos neste quase século e meio, vêm aumentando progressivamente a consciência coletiva planetária da nossa essência imortal a evoluir por toda a eternidade em percurso.

Como decorrência, o livro homenageado, buscando as origens e a formação dos seres, como o seu próprio significado etimológico, trata da causa primeira de todas as coisas, do Autor dessa incomensurável obra cósmica em constante processo de elaboração, à qual estamos interligados ocupando o papel de co-criadores, interagindo em todos os indefinidos níveis de percepção: das conexões quânticas aos campos gravitacionais interplanetários, e, ainda mais, além do espaço-tempo na fusão das galáxias pelas relações da energia básica emanada do Criador incriado (Wolf, Fred A., Toben, Bob – Espaço – Tempo e Além, A Estrutura da Energia – Ed. Cultrix, S. Paulo, 1982).

Tão íntima é a nossa co-existência com o Todo, como nos encanta o iluminado poeta místico inglês Francis Thompson ao dizer: “Por um poder imortal oculto estamos todos tão estreitamente interligados que não podemos tocar numa flor sem sensibilizar uma estrela.”

A citação de Quinemant, espírito, em 1867, na Sociedade de Paris, é prenunciadora de um advento a confirmar-se: “Pode-se disso deduzir, igualmente, a solidariedade da matéria e da inteligência, a solidariedade de todos os seres, de um mundo, entre si, a de todos os mundos, enfim, a das criações e do Criador.” (Kardec, Allan – A Gênese, Cap. II Deus, item 27, Ed. IDE, Araras, 1992).

A idéia de um Universo solidário e na solidariedade de todos os seres abre e projeta a nossa consciência a um amplo e futuro relacionamento, sem fronteiras ou condicionamentos, só é entendido pelo comportamento de Jesus no trato com as criaturas.

A progressiva compreensão que o mestre Kardec foi adquirindo no intercâmbio com o Mundo Espiritual, em apenas dez anos após concluir O Livro dos Espíritos, amadurecido nas suas próprias idéias, levou-o à construção de A Gênese, com a propriedade de um gênio, tão elaborada e desafiadora que o confronto com os avanços do conhecimento, em todas as áreas da modernidade, é trabalho a ser realizado por muitas gerações à nossa frente.

As áreas de interseção com a obra A Gênese do Pentateuco doutrinário espírita, entre outras, vão da Física Quântica, Astrofísica, Geologia, Ecologia, à Psicologia Transpessoal, Psiconeuroimunologia, Medicina, Neurociências, incluindo a Parapsicologia, a Memória Extracerebral e a Palingenesia.

As explicações precisas e enriquecedoras, claras a quaisquer teólogos, e a todos nós, menos preparados, sobre as abordagens relativas aos Milagres, que em realidade são processos ainda desconhecidos da limitada compreensão humana, ocorridos num arcabouço de leis naturais, justas e infalíveis, como igualmente as Predições, entendidas como conseqüências das leis de causa e efeito, colheitas obrigatórias das nossas sementeiras, percebidas, em estados de consciência ampliada, por criaturas sensíveis, ao registrarem, plasmadas em níveis astrais, as condensações das nossas próprias construções mentais, sinalizadas em cataclismos planetários, na antiguidade e em nossos dias, perfeitamente compreensíveis por um simples exame de consciência da nossa realidade atual, individual e coletiva.

Mas, queridos irmãos, neste imenso Universo, criado por uma Suprema Inteligência que tudo arquitetou para a felicidade nossa, em regime de paz e entendimento, neste planeta, os tempos são chegados, previstos pelo nosso Kardec, à luz dos Espíritos Bons, (A Gênese – Cap. XVIII), como adiante literalmente enunciado:

“Quando vos é dito que a Humanidade chegou a um período de transformação, e que a Terra deve se elevar na hierarquia dos mundos, não vejais nessas palavras nada de místico, mas, ao contrário, o cumprimento de uma das grandes leis fatais do Universo, contra as quais toda a má vontade humana se quebra.” (A Gênese, Cap. XVIII, item 8, Arago)

“17 - A fraternidade deve ser a pedra angular da nova ordem social...”

“19 - Só o progresso moral pode assegurar a felicidade dos homens sobre a Terra, pondo um freio às más paixões: só ele pode fazer reinar, entre eles, a concórdia, a paz, a fraternidade.”

“32 - As grandes partidas coletivas não têm somente por objetivo ativar as saídas, mas transformar mais rapidamente o espírito da massa desembaraçando-a das más influências e dando mais ascendência às idéias novas.”

Em A Gênese são confirmadas hoje as instruções daquela época, quando nem imaginávamos o que viria a acontecer.

E esse processo já se vem realizando há 140 anos...

## **Evolução em Dois Mundos: 50 anos de pioneirismo**

*Normando Celso Fernandes é Ph.D. em Física Teórica e Matemática e livre-docente em Física Teórica, pela USP, e professor aposentado do Departamento de Física Aplicada do Instituto de Física da USP ([zyonkapro@yahoo.com.br](mailto:zyonkapro@yahoo.com.br)) (Folha Espírita, dezembro de 2008.)*

O que se pretende nesta nota é mostrar que as revelações que chegaram ao mundo há cerca de 150 anos, na época de Kardec, continuaram e devem continuar a chegar nos séculos seguintes. *Evolução em Dois Mundos* é um testemunho dessa afirmação.

Psicografado de forma cruzada (dois ou mais médiuns participando do trabalho) por Francisco Cândido Xavier e Waldo Vieira, o que fornece uma maior segurança sobre a autenticidade das mensagens, é um livro para ser escrutinado e discutido até suas últimas conseqüências. É de se admirar que tantos conhecimentos, alguns ainda inéditos até hoje, após 50 anos, possam ter sido divulgados por dois médiuns que, aparentemente, não apresentavam bagagem científica para tal empreitada. Dentro da Doutrina Espírita, essa é mais uma prova da continuidade da existência após a morte. De onde viriam tais informações?

Discorrer sobre todos os capítulos de *Evolução em Dois Mundos* seria uma tarefa que poderia consumir vários anos. Pretendo, assim, apenas alinhar alguns argumentos que me levam a considerar essa obra como a mais marcante da coleção André Luiz. Apesar das inúmeras possibilidades hermenêuticas que o árido texto de André Luiz nos apresenta, arriscamos que não são os conhecimentos vindos da Física os elementos mais importantes de *Evolução em Dois Mundos*. Essa obra se baseia mais nos conceitos vindos da Biologia em geral.

André Luiz não nos fornece nenhuma nova teoria sobre a origem da vida, talvez o mais difícil problema a ser resolvido pela ciência humana. Pelo contrário, ele concorda, nos mais diversos pontos, com as hipóteses apresentadas pelos mais eminentes cientistas. Entretanto, de forma honesta, o mentor nos informa desconhecer os fenômenos da formação original do planeta. Mas nos diz que o seio da Terra estava recoberto de mares mornos, invadidos por gigantesca massa viscosa, a espalhar-se no colo da paisagem primitiva. E, dessa geléia cósmica, verteria o princípio inteligente em suas primeiras manifestações. Esse seria o ambiente no qual surgiria a mais primitiva forma de vida. E que forma de vida é citada por ele?

Literalmente ele diz, no Capítulo III: “Aparecem os vírus e, com eles, surge o campo primacial da existência, formado por nucleoproteínas e globulinas, oferecendo clima adequado aos princípios inteligentes ou mônadas fundamentais”. Essa citação é polêmica. Seriam, na verdade, os vírus a primeira manifestação de vida? Muitos cientistas já apoiaram essa idéia enquanto outros a rejeitaram totalmente. Do que viveriam esses seres na ausência de células hospedeiras onde pudessem desenvolver seu metabolismo? Será que não teriam encontrado na geléia cósmica um hábitat para o exercício de suas funções vitais?

Particularmente, essa idéia de início virótico me é simpática, pois apresenta certa continuidade de raciocínio, com a vida partindo de estruturas mais simples até a chegada a estruturas mais complexas. Recentemente, surgiu um argumento, vindo do lado experimental, que em certo sentido apóia a nossa preferência pela origem viral. Foi mostrado que determinado vírus consegue inocular seu conteúdo genético em outro vírus, diferente. Este último faria o papel de hospedeiro. Isso modifica, em parte, a exigência da presença de hospedeiros mais evoluídos, para o recebimento da chamada carga viral.

Em seguida, André Luiz nos diz que “evidenciam-se as bactérias rudimentares, cujas espécies se perderam nos alicerces profundos da evolução, lavrando os minerais na construção do solo, dividindo-se por raças e grupos numerosos, plasmando, pela reprodução assexuada, as células primevas, que se responsabilizariam pelas eclosões do reino vegetal em seu início”.

Certamente, em 1958 ainda não havia sido concluído o exaustivo trabalho de classificação dos seres vivos feito por Margulis e Schwartz, que distribuiu esses seres em cinco reinos, e, assim, André Luiz, ao introduzir as algas na escala evolutiva, ainda as considera como plantas, mas plantas superevolvidas, denotando uma intuição notável para a época. Hoje, após a mudança de classificação (taxonômica) de Margulis e Schwartz, as algas estão classificadas como prototistas. Essas anotações são fundamentais uma vez que, baseado nelas, André Luiz descreve-nos a evolução das algas verdes, corrigindo o engano tantas vezes cometido por vários autores que as colocavam como tendo origem nas cianofícias.

André Luiz é claro ao dizer que as algas verdes evoluíram de um determinado tipo de bactéria: a Leptótrix (*Leptothrix*). Se Margulis tivesse lido *Evolução em Dois Mundos*, certamente estaria mais satisfeita do que ela esteve com seus colegas biólogos quando esses atribuíram às cianofícias a origem das algas verdes. Textualmente, ela escreve: “Organismos idênticos algumas vezes são colocados em disciplinas distintas. As cianobactérias, por exemplo, são estudadas na Ficologia (ou Algologia, um ramo da Botânica), em vez da Bacteriologia, porque elas receberam o nome errado de ‘algas azuis-verdes’.”

Hipótese evolucionária

Introduzimos as Leptótrix porque elas desempenham um papel muito importante na hipótese evolucionária de André Luiz. O certo é que essas bactérias primitivas, portadoras de envoltórios metálicos e aptas a viver em ambientes desprovidos dos nutrientes que ainda iriam surgir na história do globo, tiveram capacidade para ultrapassar essas épocas e chegar até nossos dias. Existem inúmeras espécies de Leptótrix cultivadas em laboratório e também vivendo em ambientes naturais. André Luiz preenche uma lacuna explicativa sobre a transição da Leptótrix para as algas verdes, em termos das atividades dos Servidores da Organogênese Terrestre. Um grande questionamento é se algum dia os cientistas e os acadêmicos irão aceitar essas explicações de estágios no mundo espiritual, para poderem concluir seus modelos e teorias acerca da evolução, chegando à conclusão que tais entes primitivos são os nossos ancestrais, dentro do papel que nos foi determinado na história do Universo.

Em 1987, Dr. Paulo Bearzoti desenvolvia um estudo, com posterior publicação, sobre *Evolução em Dois Mundos*. Nesse estudo, o autor colocava bastante ênfase em alguns aspectos realçados por André Luiz sobre o perispírito, em especial sobre as células constituintes desse corpo. De um modo geral, a impressão que fica, ao lermos “Evolução”, é de que o que concerne ao corpo físico tem seu comando no núcleo das células, e o que concerne ao corpo espiritual tem uma ligação mais direta com o citoplasma. Mas que parte do citoplasma?

André Luiz especifica que nas mitocôndrias (pequenas organelas das células) se encontram, por assim dizer, grânulos de energia espiritual, denominados bióforos e outras energias espirituais. Através das mitocôndrias, a mente transmite ao corpo físico,

durante a encarnação, todos os seus estados felizes ou infelizes. Mais adiante: “em todos os estados especiais pelos quais o organismo passa, tais como renovação permanente das células, etc.” Essas são as principais informações contidas no Capítulo VIII. Agora, dizer que a mente (o espírito) age diretamente sobre as mitocôndrias, podendo equilibrar ou desequilibrar determinados processos, é uma afirmação muito séria.

A causa de determinadas moléstias seria eminentemente espiritual. Entretanto, mesmo para alguém que não acreditasse na Doutrina Espírita, essa afirmação seria de extremo valor. Afinal, ordens partiriam das mitocôndrias, e não somente dos núcleos celulares, no caso de diversos processos endotérmicos.

Nos últimos anos (a partir de 1996), a pesquisa sobre o funcionamento dos processos de apoptose (processo pelo qual a célula indesejada se auto-elimina) tem crescido vertiginosamente. Observações cuidadosas mostraram que o início da interrupção do processo de replicação do DNA, o que acaba acarretando a morte celular, não se dá no núcleo. Assim, há pouco mais de uma década, os cientistas do Centre National de la Recherche Scientifique (CNRS), em Villejuif, na França, liderados por Guido Kroemer, estabeleceram uma conexão entre a diminuição do chamado potencial mitocôndrico transmembrânico e a morte das células.

Isso merece vários esclarecimentos. Em primeiro lugar, estamos introduzindo as mitocôndrias num contexto aparentemente deslocado dos processos biológicos, biomoleculares e provavelmente biofísicos, que levam à morte das células. Entretanto, acontece que não é somente o núcleo da célula que contém DNA. As mitocôndrias também contêm DNA independente. Experimentalmente se sabe que o DNA nuclear não contém instruções para autodestruição. Restou o DNA estudado pela equipe de Guido Kroemer, o das mitocôndrias. Algumas questões podem ser levantadas, como, por exemplo: por que o espírito age somente sobre as mitocôndrias nesses processos? Seria, talvez, pelo fato de que, após a morte, as células do corpo espiritual perdem seus núcleos, uma vez que estes se tornariam inúteis? As mitocôndrias guardariam funções primordiais.

## **Passe**

Ainda poderíamos estabelecer uma ligação, em base a experimentos recentes, entre diversos mecanismos como o do passe, por exemplo, e a emissão dos chamados biofótons. Esses elementos luminosos que fazem parte da aura estão sendo detectados hoje em dia, apesar da fraca intensidade com que se apresentam. Para isso, teríamos de levar em conta a segunda parte de Evolução em Dois Mundos, em especial no Capítulo XV. Ainda há muita coisa a ser desvendada a partir do conhecimento dessa nova rede luminosa que vem sendo estudada em vários laboratórios do mundo inteiro. Provavelmente, teríamos episódios inteiros da chamada Medicina Alternativa ao alcance de nossas mãos.

Do nosso ponto de vista, obras como Evolução em Dois Mundos vão marcar época ainda. As informações científicas contidas no livro podem e vêm sendo verificadas. Até o problema das células-tronco, tão atual na ciência moderna, tem de ser visto da perspectiva dos dois planos de evolução.

Que todos que se beneficiam do estudo dessa obra se lembrem sempre do caminho traçado pela humanidade nestes milhões de séculos de evolução. Um caminho que nem

sempre foi de luz e de amor. Um caminho árduo para se livrar da herança animaléscia que persegue o homem até os dias de hoje.

Um estudo antropológico bem amplo seria muito bem-vindo, uma vez que a visão espírita aclara diversos pontos que a ciência humana não chega a abordar.

*Normando Celso Fernandes é Ph.D. em Física Teórica e Matemática e livre-docente em Física Teórica, pela USP, e professor aposentado do Departamento de Física Aplicada do Instituto de Física da USP ([zyonkapro@yahoo.com.br](mailto:zyonkapro@yahoo.com.br))*

## **Biofótons: alguns rudimentos**

**§ 1. Histórico** - Os biofótons foram descobertos pelo soviético Alexander G. Gurvich, em 1923, que os denominou de “raios mitogénéticos”, uma vez que ele estava estudando o processo de diferenciação no desenvolvimento celular. O prefixo “mito” se refere à mitose. Na década dos anos 30 eles foram estudados intensamente, tanto na Europa como nos EUA, mas, como os resultados práticos não vinham, acabaram sendo esquecidos. Num clima extremamente pessimista, a notoriedade da descoberta de Gurvich acabou chegando mesmo nos anos 70, quando surgiram amplas evidências teóricas e experimentais acerca de sua estrutura.

Neste ponto, deve-se enaltecer a atuação, na Alemanha, do Prof. Fritz-Albert Popp que, apesar de extremas dificuldades e descrenças, acabou empenhando toda a sua carreira científica para exibir a origem dessa radiação no DNA e mostrar também a coerência (algo análogo ao que ocorre com o laser) dessa emissão. Pode-se mesmo dizer que ele foi o responsável por essa ressurreição ocorrida com esse tipo de fenômeno. Mesmo em 1985, o grande biofísico soviético Volkenshtein escrevia: “As tentativas, que se prolongaram por uma série de anos, de descobrir essa radiação por métodos físicos exatos não conduziram ao êxito. A existência de raios mitogénéticos não se afirmou, por isso seu estudo há tempos foi abandonado. Do mesmo modo foram falsas outras comunicações sobre as radiações ultravioletas específicas, originadas em outros processos biológicos”. Popp provou o contrário.

**§ 2. Definição** – Na linguagem simplificada, usada nos textos elementares, o fóton é descrito como um aglomerado de energia localizada, constituindo algo como um projétil de radiação. São esses projéteis que atingem a nossa retina ou nossos aparelhos registradores e constituem a luz que estudamos. O fóton constitui, dentro do espectro visível, a luz que vemos ou registramos. Há também fótons que não são visíveis, mas que apresentam os mais variados efeitos. Abaixo da região visível, temos, por exemplo, os fótons que constituem os raios infra vermelhos, etc. Acima da região visível, temos o exemplo da radiação ultra violeta.

Os biofótons, ou emissões ultra fracas de fótons por sistemas biológicos, são fótons de luz (intensidade muito baixa) que estão no intervalo óptico do espectro eletromagnético, ou seja, constituem a luz emitida por esses sistemas. Seus comprimentos de ondas correspondem ao vermelho, ao amarelo, ao verde, etc. Podem, também, exibir comprimentos de ondas menores, com frequências mais elevadas, como a da radiação ultravioleta. Todas as células vivas de plantas, animais e seres humanos

emitem biofótons que não chegam a serem vistos pelo olho nu, mas que podem ser notados e medidos por meio de equipamentos especiais desenvolvidos, principalmente, por pesquisadores alemães.

**§ 3. Apresentação** – Talvez, o melhor e mais atualizado livro sobre o assunto seja o de Marco Bishof, intitulado “Biophotons – The Light in Our Cells” que, entretanto, só é disponível em alemão, não tendo sequer uma tradução para o inglês. Vamos segui-lo, na sua parte introdutória:

A emissão de luz é uma expressão do estado funcional do organismo vivo e a medida dessa emissão pode, portanto, ser usada para se ter um acesso a esse estado. Células cancerosas e células saudáveis do mesmo tipo, por exemplo, podem ser discriminadas pelas diferenças típicas da emissão de biofótons. É bom guardar esse exemplo na memória. Depois de uma década e meia de pesquisa básica sobre essa descoberta, biofísicos de vários países europeus e asiáticos estão explorando agora as aplicações muito interessantes que percorrem campos tão diferentes como pesquisas sobre o câncer, diagnóstico médico precoce não-invasivo, testes de qualidade de comida e água, testes químicos e eletromagnéticos de contaminação, comunicação entre células e várias aplicações em biotecnologia.

De acordo com a teoria biofotônica desenvolvida com base nessas descobertas, a luz dos biofótons é armazenada nas células do organismo – mais precisamente, nas moléculas de DNA de seus núcleos – e uma rede dinâmica de luz constantemente emitida e absorvida pelo DNA pode conectar organelas das células, as células, os tecidos, e órgãos dentro do corpo e serve como a rede principal de comunicação do organismo e como a principal instância de regulação para todos os processos da vida. Os processos de morfogênese, crescimento, diferenciação e regeneração são também explicados pela estrutura e pela atividade reguladora do campo biofotônico coerente. O campo holográfico de biofótons do cérebro e do sistema nervoso, e possivelmente de todo o organismo, pode também ser a base da memória e de outros fenômenos da consciência, como foi postulado pelo neurofisiologista Karl Pribram e por outros. O campo holográfico, como se sabe, é um campo coerente. As propriedades de coerência do tipo da consciência do campo biofotônico estão diretamente relacionadas às suas bases localizadas no vácuo físico e indicam seu possível papel como uma interface entre os domínios não físicos da mente, da psique e da consciência.

A descoberta da emissão biofotônica também deu respaldo científico a alguns métodos não convencionais de cura baseados no conceito da homeostase (auto regulação do organismo), tais como várias terapias somáticas, homeopatia e acupuntura. A energia “chi” circulando pelos canais do nossos corpos (meridianos) de acordo com a Medicina Tradicional Chinesa regula as funções do nossos corpos e pode estar relacionada com as linhas nodais do campo biofotônico do organismo. A “prana” da fisiologia da Ioga Indiana pode ser uma força energética similar reguladora que tem sua base nos biocampos eletromagnéticos fracos e coerentes.

**§ 4. A coerência do campo biofotônico** - Coerência é uma propriedade que, em óptica, tem um significado especial. Experimentalmente, sabe-se que é impossível a obtenção de figuras de interferência com duas fontes separadas, tais como duas lâmpadas de filamento colocadas lado a lado. Isso se deve ao fato de que a luz proveniente de qualquer fonte não é um trem de ondas infinito. A coerência de duas ondas, em

essência, descreve uma propriedade que, em física, permite uma interferência estacionária, tanto no espaço como no tempo. De um modo geral, a coerência descreve todas as propriedades de correlação entre as quantidades físicas de uma onda. Quando duas ondas estão interferindo, ou elas se adicionam construtivamente ou se subtraem destrutivamente, dependendo de sua fase relativa. Chamamos duas ondas de coerentes se elas têm uma fase relativa constante, o que implica que elas têm também a mesma frequência. Existe um parâmetro denominado por cross-correlation que diz quanto as propriedades da segunda onda podem ser previstas a partir do conhecimento da primeira onda em interferência. Como exemplo, podemos considerar duas ondas perfeitamente correlacionadas. Em qualquer instante, se a primeira onda varia, a segunda vai variar da mesma maneira. Segue-se que elas são perfeitamente coerentes. A segunda onda não necessita ser uma entidade diferente. Ela poderia ser a mesma onda num tempo ou numa posição diferente. Aí falamos em auto-correlação. O caso da homeostase seria um exemplo de auto correlacionamento, se todas as informações relevantes estiverem disponíveis. Exemplos de coerência pertencentes a campos mais gerais são a supercondutividade, a condensação de Bose Einstein, etc.

Assim, se temos emissão coerente de biofótons, isso quer dizer que o campo biofotônico emite luz cujas diferenças de fase se apresentam constantes, acarretando, portanto, algo global. Não se pode isolar pura e simplesmente a luz emitida por uma célula e ignorar o que se passa com as outras: há uma espécie de comprometimento entre todas as componentes luminosas. Essa propriedade pode se tornar mais significativa se estivermos estudando a luz emitida por células sadias em comparação com células doentes. Na prática sabe-se que células doentes emitem luzes de frequências mais elevadas. Iremos estudar esses casos na seqüência.

**§ 5. Sugestões de estudo** - Vários tópicos de pesquisa foram mencionados nos §1 e §2. Em 2003 era publicada uma monografia usada como texto para a obtenção do título de Mestre junto à FMUSP, de autoria do médico Ricardo Monezi Julião de Oliveira, que atraiu a nossa atenção. O trabalho tem o título: “Avaliação de efeitos da prática de impositação de mãos sobre os sistemas hematológico e imunológico de camundongos machos”. Vamos ver o resumo do próprio autor:

“Estudamos a impositação de mãos sobre camundongos, avaliando parâmetros hematológicos e imunológicos. Nossos resultados demonstraram nos animais que receberam a impositação de mãos uma diminuição significativa do número de plaquetas, elevação do número de monócitos na leucometria específica, elevação da atividade citotóxica de células não aderentes com atividade NK (Células Natural Killer) e LKA (Células matadoras ativadas por linfócitos). Os grupos controle e placebo não mostraram qualquer alteração. Os resultados encontrados nos levam a concluir que há uma alteração fisiológica decorrente à impositação de mãos e que há que se estudar por que ela ocorre.”

Verificou-se que usando um grupo de sessenta camundongos machos, divididos em três sub-grupos, sendo um de controle, outro simulando algo como impositação e o terceiro sendo o de verdadeira impositação de mãos, no caso da reação a uma situação preparada de indução da presença de bócio, quando da retirada da ministração de iodo aos animais, apareceram os resultados apresentados. O que necessita ser explicado é o resultado da aplicação de algo que se pode definir como passe magnético, passe mesmeriano, passe utilizado na Medicina Tradicional Chinesa e outras terapias alternativas ou



complementares. Não basta afirmar que durante a impositação de mãos é transferida uma certa quantidade de energia sutil. A hipótese mais evidente que se coloca é a de que a energia fornecida quando da impositação de mãos vem dos biofótons emitidos pelo pesquisador. No caso em pauta, este administrou passes de cerca de quinze minutos de duração, durante quarenta e cinco dias.

Não foi incluído especificamente entre os tipos de passes o passe espírita, pois este depende de outro fator que é a parte espiritual. O passe espírita é considerado como um passe misto: parte orgânico e parte espiritual. Neste tipo de passe deveriam ser incluídos os biofótons oriundos da parte física e os da parte perispiritual, que pertencem a outro quimismo. É possível que o campo biofotônico seja também responsável por várias outras formas de energia sutil encontradas nas medicinas alternativas, como a acupuntura e a homeopatia, ou seja, um campo informacional.